

# LEITURA FICCIONAL E JOVENS LEITORES

**Autora:** Mônica de Menezes Tapia

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ingrid Sturm<sup>1</sup>

“Quem não lê ficção só diz o óbvio”. Grande verdade. E talvez eu tenha feito isso aqui hoje - só tenha dito o óbvio. Se tivesse selecionado passagens de autores que tematizam a leitura em sua ficção, como por exemplo Umberto Eco, certamente o efeito teria sido mais poderoso. Mas talvez, em consequência, ninguém reclamasse, ninguém discordasse, ninguém debatesse. E então, o que teria adiantado, se minha função aqui hoje é fazer falar? (Possenti, *Pragas da leitura*, p.33).

**Resumo:** Propomo-nos, neste artigo, a abordar questões relacionadas à leitura específica dos jovens e a leitura oferecida e trabalhada pela escola, com ênfase na leitura ficcional contemporânea. Na sequência apontamos a importância da leitura na vida dos jovens e ainda sugerimos maneiras de como a escola pode promover o interesse pela leitura de forma a aproveitar o *boom* da literatura ficcional. Para fundamentar nosso trabalho buscamos referências em autores como Irané Antunes, Marisa Lajolo e Sírio Possenti entre outros, que aparecerão no desenvolvimento do trabalho.

**Palavras-chave:** leitura; ficção; jovens.

## Introdução

Vivemos em uma sociedade dinâmica que nos exige conhecimento o tempo todo, e uma das formas de adquirirmos conhecimento é através da leitura. A leitura tem um papel fundamental na vida do ser humano, pois é através dela que o indivíduo pode desenvolver seu intelecto e progredir em sociedade; ela permite ao leitor adquirir conhecimento de mundo de forma a que possa criar parâmetros de discernimento e, assim, ter condições de se posicionar criticamente.

---

<sup>1</sup> Professora da 8ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

À escola cabe a tarefa de nos introduzir ao mundo das letras e, por conseguinte, ao mundo da leitura, entretanto, a leitura começa desde a tenra idade, quando ainda pequenos e sem saber, as imagens, propagandas nos chamam a atenção, aguçam a nossa curiosidade.

O fato é que, na maioria das vezes, a leitura não é estimulada em casa, e tampouco explorada de forma satisfatória na escola, local este em que a leitura é vista pelos alunos como tarefa *chata, cansativa e sem propósito*, ao invés de ser uma atividade estimulante, lúdica e prazerosa.

Infelizmente, o que acontece é que o aluno entra e sai da escola, sem ao menos ter contato com atividade ou constância de leitura. Inúmeros estudos afirmam que os jovens leitores não sabem ler, pois não conseguem decodificar aquilo que leem.

Em contrapartida, no dia-a-dia fora da escola, vemos os jovens lendo os livros que aparecem na lista dos mais vendidos e que a indústria literária de massa produz numa velocidade incrível, tais como *A Culpa é das estrelas, Cidades de papel, Percy Jackson e o Ladrão de raios, Jogos vorazes, saga Crepúsculo*, entre outros.

Sem dúvida, esse crescimento da produção editorial voltado ao público jovem não é gratuito, há interesses financeiros de um lado, e, por outro, há um público voraz, e até consumista, que só comprova o que já sabemos na prática: os jovens estão lendo cada vez mais os livros e leituras que gostam, algo que responde às suas necessidades.

Então surge a dúvida: será que esses títulos citados anteriormente são considerados leitura pela escola? Será que a escola percebe que há uma necessidade de se pensar em conciliar o gosto literário privado dos seus leitores ainda em formação com as leituras escolares?

## **1 A SITUAÇÃO DA LEITURA DENTRO E FORA DA ESCOLA**

Nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) de Literatura destaca-se a importância do papel do professor na hora de realizar a seleção dos textos que serão lidos e trabalhados em sala de aula por seus alunos. Nesse sentido, o documento igualmente defende que todo texto escrito selecionado, seja popular ou erudito, precisa atender a mesma condição, isto é, deve-se levar em conta o mesmo critério “[...] que se usa para os escritos canônicos: Há ou não intencionalidade artística? A realização correspondeu à intenção? Quais

os recursos utilizados para tal? Qual o seu significado histórico-social? Proporciona o texto o estranhamento, o prazer estético?” (BRASIL, 2006, p. 57).

Partindo dessas observações é pertinente especular por que há tanta resistência na escola, de forma geral, à leitura não canônica, ou dito de outra forma, por que a escola não faz da leitura de textos “não autorizados” tal como os livros da *Saga Crepúsculo*, *Diário de um banana*, *Diário de um vampiro*, ou *Jogos vorazes* objetos de aprendizado, tendo em vista que obedecem aos critérios propostos? Será a falta de qualidade estética?

O que nos parece é que essa dificuldade em aceitar o gosto literário dos jovens se justifica em grande parte pelo modo como a literatura é trabalhada em sala de aula: pouca leitura literária e muita aula de história da literatura e até, em algumas circunstâncias, teoria da literatura. Sendo assim, os professores teriam também que ler e estudar as obras que seus alunos leem.

Porém, o que acontece nos cursos de Letras é a má formação do professor de Português para ensinar Literatura, e dizemos isso por experiência própria, pois não prepara o professor para trabalhar com o gosto literário ou não dos seus alunos, mas ensina que devemos ensinar os movimentos literários, suas características, e uma relação de clássicos que muitas vezes se quer o aluno tem a maturidade para ler.

Some-se a isso o fato de que a indicação da leitura de uma obra para uma prova garante apenas a leitura dos famosos resumos que podem ser encontrados facilmente na internet. O resultado dessa não aceitação pela escola em aproveitar a escolha literária dos seus alunos e a recusa deles em ler o que a escola oferece faz com que professores e, de certa forma, também a sociedade, julguem equivocadamente os jovens como não leitores.

Marchi (2011) destaca algo interessante sobre quem é o leitor, afirma que a visão da academia sobre os leitores é que são indivíduos que leem textos escritos em formato de livros, porém para a autora esse critério não é válido, mas cruel, pois nesse caso a maioria das pessoas não estaria inserida na categoria leitores.

Ainda Marchi (2011) enfatiza a falta de percepção da escola e também da sociedade em não perceber a conexão que há entre o que é vivenciado/lido dentro e fora da escola, e o que ambos elegem como leitura.

Vários estudiosos da área da leitura escrevem a respeito da polêmica literatura de massa e literatura dita séria, criticando a forma impositiva com que a escola apresenta os clássicos, obras consagradas, que não fazem parte da realidade do aluno, da sua cultura, pois para os jovens leitores, segundo Bamberger (2008, p. 11), os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção.

Concordamos com Marchi (2011) quando diz que é compreensível que os adolescentes não gostem de ler determinados textos, pois, para a autora, a leitura é “Uma experiência profundamente pessoal e resulta da permanente confrontação entre a narrativa do autor e as histórias de vida do leitor”. Cita como exemplo um trecho da obra de José de Alencar *O Guarani* e questiona o distanciamento da obra em relação à realidade do aluno perguntando: não se deve mais ler Alencar? Será que há algo de errado?

Outro texto que vem ao encontro do posicionamento da autora é o de Sírio Possenti, em seu texto *Pragas da Leitura*, como pode se ver no trecho a seguir:

Ler também o que não é sagrado, a literatura consagrada, eis o que quero dizer. A praga que quero combater é a da seleção repetitiva dos mesmos livros em todas as escolas, o tempo todo. ALENCAR é ótimo, mas não é o único. Até mesmo quem não é da área chega e pergunta: quando é que meu filho vai ler Iracema? Agora as escolas não mandam mais ler Iracema? (POSSENTI, 1994, p. 32).

Esses questionamentos perpassam o imaginário de muitos professores que estão de fato preocupados com a promoção da leitura, que desesperados não sabem como lidar com essa situação. É inegável que nós professores temos que trabalhar em sala de aula com os textos não ficcionais, mas com o cuidado de não ficar só nesse tipo de leitura, mas usar a leitura de ficção como porta de entrada para que se desenvolvam os hábitos de leitura.

## **2 CONCEITOS DE LEITURA**

Em nossa pesquisa encontramos muitos conceitos relacionados à leitura no que tange ao âmbito cognitivo, social, entre outros tantos, contudo, considerando que aqui estamos tratando da leitura ficcional, escolhemos apenas alguns aspectos que contemplam uma perspectiva mais social e histórica.

Historicamente, a leitura, era um privilégio de poucos, mesmo com a invenção da imprensa, ela era acessível apenas à elite culta. Atualmente, há pesquisas nesse campo que definem o ato de ler como um processo mental de vários níveis, que contribui de forma significativa para o desenvolvimento intelectual.

Naujorks (2011, p. 11), afirma que a leitura é uma prática efetiva que supõe o envolvimento do aluno como sujeito-leitor em um processo caracterizado por ser altamente subjetivo, uma vez que cada leitor transmite sua singularidade no ato de ler. De acordo com a autora, a leitura não pode simplesmente ser ensinada, mas sim praticada e vivenciada em uma situação e em determinada instância de discurso.

Para Bamberger (2008), a leitura permite a remoção das barreiras educacionais, pois, concede oportunidades mais justas de educação através do desenvolvimento da linguagem e da capacidade de exercitar o intelecto, melhorando a situação pessoal dos indivíduos.

Para Lajolo (2004), a leitura se dá independente da aprendizagem formal e se constitui na interação cotidiana com o universo das coisas e dos outros, e que normalmente começa na escola, mas não deve encerrar-se nela.

Em estudo realizado por Giehrl (apud BAMBERGER 2008, p. 41) afirma-se que os leitores estão ligados as suas motivações para a leitura. Assim, ele divide a leitura em quatro grupos primários, conforme a motivação ou a intenção predominante. São elas:

- a) Leitura informativa: Identificada como a mais usual e genérica, é válida somente para os adultos e a principal motivação para a leitura é a necessidade de orientação na vida e no mundo. Esse tipo de leitura tem uma vantagem sobre a informação audiovisual por se apresentar incidentalmente através da televisão;
- b) Leitura escapista: É aquela em que o indivíduo utiliza como forma de escapar à realidade, levada em consideração somente pelo conteúdo e vista de forma negativa. Essa leitura é predominante nas crianças;
- c) Leitura literária: Se constitui pela busca além do real, que procura o significado interno, o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos diários;
- d) Leitura cognitiva: É basicamente uma leitura especulativa que exige uma alta atividade intelectual por parte do leitor, assim como compreensão crítica e capacidade receptiva.

### 3 PERFIL DO JOVEM LEITOR

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro (2011), conforme critério adotado pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é denominado leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses antes da pesquisa. Dentre os adolescentes, 93% afirmaram ter lido um livro ou mais e apenas 7% não leram nenhum livro nesse período. Diante desses dados, podemos constatar que existe um público leitor, e que apesar da ideia de que os jovens não leem, eles estão lendo cada vez mais.

Outra preferência interessante dos jovens leitores que aparece nessa pesquisa são as leituras preferidas desses leitores, tais como *o último livro que leu* ou *qual livro está lendo* foram citados: *A cabana* em 2º lugar, *Crepúsculo* em 3º, *Amanhecer* em 8º.

Em reportagem de Mandelli (2010)<sup>2</sup>, foi traçado o perfil dos jovens leitores brasileiros. Esse perfil revela uma mudança significativa entre os jovens que em gerações anteriores só liam os livros e obras cobrados pela escola, no entanto, hoje, leem *sites*, *blogs*, redes sociais, *SMS* e *e-mails*.

Essa tendência de trocar os livros tradicionais, em meio físico, por livros ou textos digitais, conhecida de todos em razão do avanço da tecnologia, deve ser aproveitado dentro e fora da sala de aula, mesmo que a escola não tenha os recursos necessários, pois a maioria dos jovens tem seus *smartphones*, *tablets*, computadores e celulares com acesso à *internet*.

### 4 TEXTO LITERÁRIO X TEXTO NÃO LITERÁRIO

Antunes afirma que a leitura de textos literários possibilita-nos:

O contato com a arte da palavra, com o prazer estético de criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. Leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e mais nada. (ANTUNES, 2009, p. 200).

---

<sup>2</sup> Jovens trocam livros por leitura digital

Trilhando o mesmo caminho que Antunes, encontramos em Bamberger (2008, p. 42) que quando pensamos em um bom leitor logo nos vem à mente o “leitor literário”, para o qual a leitura é uma experiência estética.

O autor nos faz refletir ao afirmar que qualquer pessoa que tenha experiência na prática da sala de aula deve questionar se o estudo da literatura na escola não acaba afastando mais do que aproximando os alunos dela. Ressalta ainda que se temos a intenção de trabalhar a leitura literária não podemos nos esquecer de que ela é *completa*, isto é, a leitura literária dá condições para que o leitor possa usufruí-la conforme seus métodos e necessidades.

É neste ponto que queremos chegar, pois não podemos negar que há um *boom* literário em que os adolescentes estão inseridos, mas que, do nosso ponto de vista, a escola não enxerga com bons olhos, ou melhor, não aproveita esse interesse dos alunos para que a partir dessas leituras extraescolares os jovens leitores possam adquirir o interesse por outras, inclusive Machado de Assis e José de Alencar.

Difícil é encontrar o caminho para que a partir dessas leituras ficcionais a escola consiga estimular o hábito da leitura a partir de um contexto mais didatizado, em que se possa trabalhar com outros gêneros.

Todorov em sua obra *A literatura em perigo* destaca o forte antagonismo entre a motivação do jovem leitor que lê intencionalmente e a motivação que a escola apresenta do que é a leitura de textos literários. Para o autor, os textos conhecidos na escola como não literários têm muito a nos ensinar, e isso não quer dizer, que estamos assassinando a literatura, no entanto a matamos quando minimizamos a obra a simples ilustrações de uma visão formal, niilista ou solipsista da literatura (TODOROV, 2009, p. 92).

A esse respeito também é significativo o que diz Marchi (2011, p. 166). Para ela, seria conveniente que os professores pudessem entender porque a aproximação entre leitor e autor acontece com tanta naturalidade na fase infantil, e tem se mostrado quase impraticável na fase juvenil. A autora afirma que não é preciso a explicação de um professor para que haja compreensão da história. Mas não sabemos bem o que acontece com os jovens leitores na transição da infância para a adolescência em que o gosto pela leitura se perde.

#### 4.1 Maneiras de como promover o gosto pela leitura

Sem dúvida, muitas são as receitas para que haja nos alunos o despertar para a leitura, por isso, escolhemos citar algumas de suas técnicas de incentivo à leitura. O autor destaca a importância de colocar os jovens em idade escolar em contato direto ou indireto com livros, em bibliotecas e em seu grupo escolar. Infelizmente o que ocorre na prática é que uma atividade tão simples como esta em algumas escolas públicas se torna impossível, pois não existe uma biblioteca adequada, muito menos espaços para a leitura, o que dificulta o contato com a leitura.

Inicialmente ele cita que em muitos países há um esforço para despertar o interesse na criança pela leitura por meio da inscrição como sócio de clubes de livros. Achamos interessante essa iniciativa, que acredito não ser tão difundida, pois desconheço que exista clubes de livros. Outra atividade importante é a exposição de livros realizada nas escolas, em que a escolha do livro é feita de acordo com o interesse dos visitantes. Sabemos que não é tão comum que as nossas escolas abram as portas para a comunidade de forma geral, mas achamos interessante que quem escolhe o livro é o visitante de acordo com o seu interesse de leitura. Claro, que muitas escolas já têm essa iniciativa, no entanto, seria interessante ser mais difundida para que outras escolas proporcionem essa oportunidade principalmente em comunidades mais carentes.

Ainda no contexto escolar, Marchi (2011) declara que, em se tratando da promoção da leitura, através de estratégias que chamem a atenção dos jovens leitores, o melhor mediador é o professor que tem o gosto pela leitura e sabe explorar bem o texto. Para que o jovem desperte o interesse pelo livro, deve pegá-lo nas mãos, apropriar-se dele e lê-lo. Para a autora este objetivo pode ser atingido se fizermos:

- a) Uma boa apresentação da obra;
- b) Uma conversa ou pesquisa sobre um tema relacionado a obra;
- c) A leitura em voz alta de uma parte da obra que desperte o interesse ou a curiosidade dos alunos (MARCHI, 2011, p. 169).

Encontramos em Oliveira (2010, p. 67) duas considerações de extrema importância e que não encontramos com facilidade nos textos que trabalham sobre as boas práticas para o ensino da leitura. A primeira salienta que o professor tem a obrigação de informar aos seus alunos quais serão os objetivos da leitura, pois, se isso não for dito em sala de aula, o aluno acaba por ler apenas por indicação do professor, sem saber a razão para a leitura. Para o autor, quando o professor explicita os objetivos da tarefa pedagógica, é provável que haja uma

diminuição da resistência por parte dos alunos. Outro destaque do autor é para a necessidade de realização de atividades de pré-leitura, que tem por objetivo auxiliar os alunos para trabalhar com o texto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluirmos o artigo, não podemos deixar de colocar em evidência que o tema leitura voltado para o público jovem é muito mais amplo e complexo, e, por isso, carece de um estudo mais profundo. Não temos a pretensão de ditar o que deve ou não ser feito na escola.

No entanto, mais do que nunca, acreditamos que é de suma importância àqueles que trabalham com a leitura em sala de aula, que estejam de olhos e ouvidos atentos às necessidades dos jovens para que assim possamos formar leitores de verdade, e não simplesmente trabalhar de forma superficial a lista de autores consagrados que temos que apresentar ao aluno.

É nesse sentido que a escola precisa ir além, sair do comum, da mesmice, sair da rotina, no que tange especificamente às atividades de leitura, como por exemplo, pedir que os alunos façam resumos, fichas de leitura, e que respondam a questionários com as respostas ditas “certas” que constam no livro didático do professor, como se existisse apenas uma resposta, um caminho a ser percorrido.

Esse quadro nos leva a pensar que a leitura e suas respectivas motivações na e da escola precisam e devem com urgência ser repensadas; a escola precisa rapidamente tomar consciência de que não pode deixar de considerar o gosto literário de seus alunos. Sem cair no jargão acadêmico de usar o texto como pretexto, temos que levar em consideração as motivações dos jovens de acordo com os seus interesses e necessidades dentro do seu contexto social.

Dessa forma, acreditamos que é possível que a escola consiga se aproximar do jovem leitor, atrair sua atenção e assim apresentar a leitura com toda a sua riqueza e diversidade de sentidos. E quem sabe assim teremos muito a ganhar se trilharmos novos caminhos e assumirmos uma postura inovadora, que fuja do que tem sido feito até hoje em relação à promoção da leitura, se tomarmos conhecimento do repertório de leituras dos jovens, consigamos atingir o nosso objetivo e mudar essa realidade tornando a leitura escolar mais interessante.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de Leitura**. São Paulo: Ática, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: 2012. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/relatorios\\_boletins/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2015.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MANDELLI, Mariana. **Jovens trocam livros por leitura digital**. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,jovens-trocam-livros-por-leitura-digital-imp-652713>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In. NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

NAUJORKS, Jane da Costa. **Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem**. 2011. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teoria do Texto e do Discurso)-Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Estratégias de Ensino, 17).

POSSENTI, Sírio. Pragas da leitura. **Idéias**, São Paulo, n. 31, p. 27-33, 1994. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_13\\_p027-033\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p027-033_c.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.